

EXPERIÊNCIAS METODOLÓGICAS PARA APREENSÃO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Sessão Livre [XV ENANPUR]

Paola Berenstein Jacques

Arquiteta urbanista, professora PPG Arquitetura e Urbanismo /UFBA,
Coordenadora do Laboratório Urbano e pesquisadora CNPq

No XV Encontro Nacional da ANPUR (ENANPUR) que aconteceu em Recife, em maio de 2013, organizamos uma sessão livre que pretendia, ao colocar em debate diferentes experiências metodológicas de apreensão da cidade, contribuir com o esforço em comum do XV ENANPUR no sentido de reformular teorias, abordagens e práticas do planejamento urbano e do urbanismo, sobretudo ao propor a discussão sobre os limites de suas ferramentas mais tradicionais de apreensão e compreensão da cidade, particularmente no contexto da complexidade de cidade contemporânea. A sessão livre se inscrevia no debate em andamento, no âmbito da pesquisa: “Experiências metodológicas para a compreensão da complexidade da cidade contemporânea” (FAPESB/CNPq – PRONEM) cuja proposta é investigar metodologias de apreensão

da complexidade das cidades, no atual contexto de espetacularização urbana, buscando articular três linhas de abordagem que costumam ser tratadas separadamente: historiografia, apreensão crítica e experiência estética-corporal. A pesquisa toma a noção de experiência e de sua transmissão em forma narrativa, como princípio norteador de nossa investigação metodológica.

A pesquisa baseia-se em nossos estudos já empreendidos e em andamento, acerca das implicações e consequências do chamado processo de espetacularização das cidades contemporâneas que, resultante da lógica pacificadora e segregatória subjacente à crescente privatização e pacificação securitária dos espaços públicos, afeta de modo estrutural as dinâmicas sociais cotidianas, o processo de produção de subjetividades e a própria corporalidade de seus habitantes, comprometendo, por fim, as possibilidades de constituição da própria esfera pública da vida urbana. Esta pesquisa busca, também, um aprofundamento na discussão e realização das práticas de apreensão urbana no campo do urbanismo e do planejamento urbano, partindo de suas recentes reconfigurações formuladas em diferentes campos de conhecimento como a Sociologia, a Antropologia, a História, as Artes e o próprio Urbanismo. Assim, esta sessão livre contou com a participação de pesquisadores com os quais a pesquisa mantém parceria colaborativa em torno de questões correlatas e complementares, na mesma busca por metodologias mais apropriadas à uma compreensão da complexidade de configuração da vida urbana contemporânea.

A sessão livre foi uma ocasião de levar a público a discussão sobre ferramentas conceituais e me-

todológicas para a apreensão da cidade contemporânea que estamos realizando na pesquisa. Buscamos enfocar, como tema central, as possibilidades de experiência da cidade e seus modos de compartilhamento e transmissão, em particular, a partir da ideia de narrativas urbanas. A questão das narrativas é central no debate proposto, especialmente quanto à diferenciação feita por Walter Benjamin entre dois tipos de experiência associados a dois termos diferentes em alemão:¹ *Erlebnis*, a vivência, o acontecimento, uma experiência sensível, momentânea, efêmera, um tipo de experiência vivida, isolada, individual; e *Erfahrung*, a experiência maturada, sedimentada, assimilada, que seria um tipo de experiência transmitida, partilhada, coletiva. A grande questão para Walter Benjamin não estaria tanto no depauperamento da experiência vivida, da vivência, menos ainda na sua destruição, como em vários autores contemporâneos como Giorgio Agamben, por exemplo, a questão para Benjamin estava na dificuldade para transformá-la em experiência acumulada, coletiva (*Erfahrung*), ou seja, para transmiti-la. Para Walter Benjamin, mais do que a experiência propriamente dita (em termos de vivência), era a arte de narrar que estaria em vias de extinção na modernidade. A partir daí surge uma questão fundamental que para nós está diretamente relacionada com a apreensão da cidade: como narrar nossa experiência urbana hoje?

Com sabemos, a questão das narrativas e da narração está diretamente relacionada à questão da memória e, assim, da história, em particular, da historiografia, da forma de se contar ou de se narrar a história, de transmiti-la. Também está diretamente relacionada com as experiências de trabalho de campo, etnográfico, de escuta do outro, da

escolha de interlocutores, das diferentes formas de relatos de encontros. Sabemos também, como o próprio exercício de narração está associado a uma prática espacial, ao movimento, à viagem ou, ainda, ao simples andar pela cidade. A narração, em qualquer forma de narrativa (textual, fotográfica, audiovisual, etc.), não somente exprime uma prática, uma ação, nem se contenta em dizer o movimento, ela já o faz ao narrar. Uma narrativa seria assim uma prática do espaço, um tipo de ação, que poderia ser cartografada, mapeada. Essas cartografias partem de experiências físicas, corporais. O próprio corpo pode ser compreendido como um tipo de cartografia da experiência urbana. Como relacionar essas narrativas tão díspares? Como articulá-las, montá-las, para melhor apreender a cidade?

A partir das questões colocadas acima buscamos, nesta Sessão Livre de debates, articular diferentes propostas de apreensão da cidade a partir, sobretudo, de práticas narrativas da experiência urbana, enfocamos algumas formas narrativas menores ou micronarrativas (contrapontos às grandes narrativas modernas), que enfatizam as questões da experiência, do corpo e da alteridade na cidade e, assim pretendemos promover um campo interdisciplinar de interlocução sobre o tema proposto. Neste sentido, cada apresentação, buscou responder a uma mesma questão: “como pensar a apreensão da cidade contemporânea?”, a partir de campos de conhecimento distintos.

Margareth da Silva Pereira se propôs a discutir a questão a partir das pistas propostas pela historiografia, pelo estudo da História e, sobretudo, da memória. Ela propôs a imagem de “nebulosas” – precárias e contingentes – como recurso possível, de

discussão das narrativas compartilhadas das memórias coletivas urbanas. Cibele Saliba Rizek, por sua vez, a partir do campo das Ciências Sociais, em particular da Sociologia e da Antropologia, tratou das práticas etnográficas de trabalho de campo, das narrativas resultantes e de como essas incursões e narrativas etnográficas podem contribuir para uma compreensão das especificidades das cidades contemporâneas. Thais Portela buscou responder a questão da apreensão da cidade contemporânea a partir da pista deixada por Ana Clara Torres Ribeiro, em particular com a ideia de Cartografia da Ação Social, que mais do que um simples método analítico, se mostraria também como um instrumento de luta política. Tentou relacionar esse tipo de Cartografia a uma discussão político-estética. Fabiana Dultra Britto, a partir do campo da Dança e das artes do Corpo, tomou a ideia de corpografia urbana, um tipo de cartografia no próprio corpo de quem faz a experiência urbana, como possibilidade analítica. Ela utilizou como pressuposto fundamental, para discutir a apreensão da experiência da cidade, a ideia de coimplicação entre corpo e ambiente. Para finalizar e problematizar ainda mais a questão, busquei, a partir das diferentes falas, oriundas de diferentes áreas do conhecimento e usando diferentes ferramentas, questionar os limites do tradicional “diagnóstico urbano” e propor pensarmos se uma certa ideia de montagem, a partir do campo das artes, poderia atuar como um outro modo de apreensão e compreensão da cidade contemporânea. Um tipo de conhecimento específico poderia ser operado pela montagem, pensada a partir da ideia praticada por alguns artistas e teóricos – principalmente dos anos 1920-30, entre eles Sergei Eisenstein, Bertold Brecht, Georges Bataille, Walter Benjamin e Aby

Warburg – e, mais recentemente, pela discussão levantada sobre o tema pelo historiador de arte Georges Didi-Huberman. Como pensar um conhecimento da cidade a partir da ideia de montagem? O “diagnóstico urbano” – ferramenta urbanística de apreensão da cidade – desde Patrick Geddes e seu “urban survey”, pode ser visto como um tipo de montagem de dados e informações sobre uma cidade. Qual a relação entre esse tipo de montagem no campo do urbanismo e do planejamento urbano e a ideia de montagem no campo da arte e da cultura, que podemos encontrar, por exemplo, em uma revista de vanguarda como a *Documents* editada por Georges Bataille ou ainda no famoso *Atlas Mnemosyne* criado por Aby Warburg? Como uma apreensão da cidade pode ser pensada pela ideia de montagem – pelo complexo processo de montagem-desmontagem-remontagem que também pode ser compreendido como ação política, tal como proposta por Georges Didi-Huberman?

Acredito que a ideia de montagem como uma forma de conhecimento criada a partir da reunião de narrativas/imagens bem distintas e por vezes paradoxais, a partir do choque entre elas, poderia ser pensada também como um modo de apreensão e compreensão da cidade. O que se segue são os textos resultantes das diferentes falas em Recife que, em seu conjunto, também podem ser tomadas por um tipo de montagem. ■

NOTA

- 1 Essa discussão inicial da pesquisa pode ser acompanhada na seção Tumulto da revista *Redobra* número 09 (ano3/2012), disponível em : www.redobra.ufba.br/